ANGRA, LOCAL DE DETENÇÃO

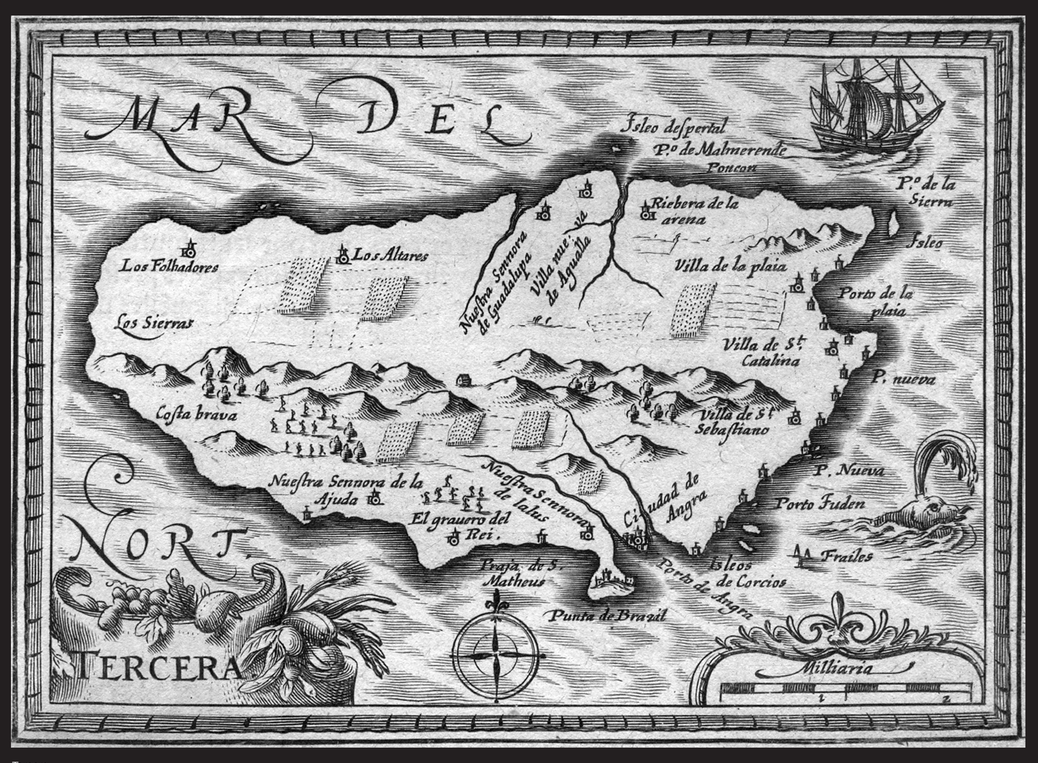
A condição geográfica de afastamento, isolamento e limitação pelo mar que é própria das ilhas alimentou uma dupla e contraditória perceção destes espaços.

Por um lado, o fascínio pela *ilha paraíso*, local de refúgio, isolado e propício a todos os recomeços; por outro, a perceção da *ilha prisão natural*, ela própria limitadora das mobilidades e controladora das influências que, do exterior, procuram agir sobre os locais.

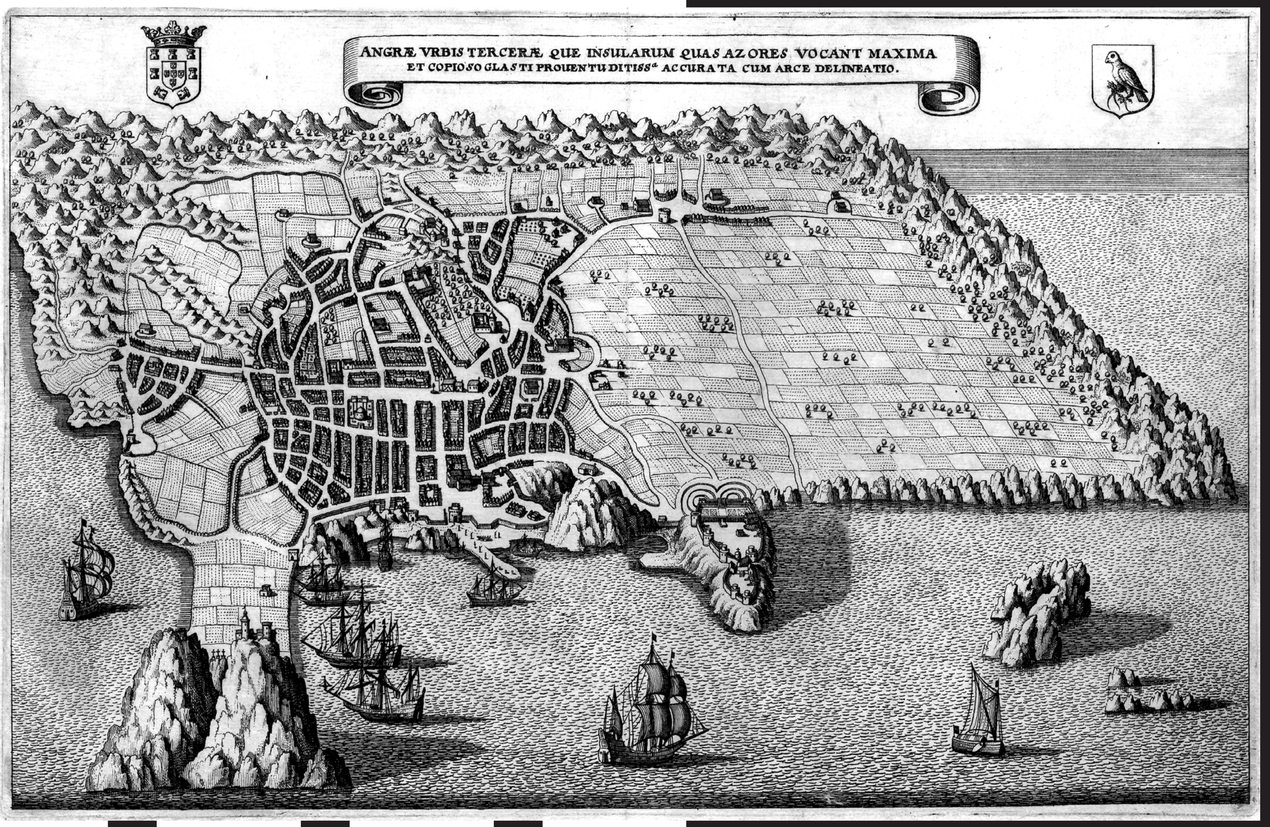
Ao longo do tempo ambas deram sentido à permanência de gentes nos Açores, quer enquanto local de refúgio para quem precisava omitir ou esquecer estigmas sociais; quer enquanto local de afastamento compulsivo para quem vinha em qualquer modalidade de detenção.

A coroa utilizará o degredo como instrumento de colonização, procurando dessa forma garantir a fixação humana (duradoura se possível) e o ordenamento do território.

Desde o povoamento muitos foram os que, nessa condição ou em condições semelhantes, se fixaram na ilha Terceira.



Tercera
Gravura a preto e branco s/ papel a partir de chapa em cobre de Petrus Bertius (1565-1629)
Editada no atlas "*Tabvlarvm Geographicarvm Contractarvm*", de 1618, por Jocodus Hondius Junior



Angrae Vrbis Tercerae Que Insularum Quas Azores Vocant Maxima
Gravura a preto e branco s/ papel a partir de chapa em cobre de Matthaeus Merian (1593-1650)
Editada cerca de 1670

Degredados, exilados, deportados, desterrados, fugitivos e refugiados são realidades semelhantes porque todas se referem aos que ficaram limitados na sua liberdade, no entanto, todas encerram contornos específicos e, por isso, diferentes.

Exilado aquele que vive duradouramente fora da sua pátria.

Degredado ou **deportado** aquele que é condenado, judicialmente, a cumprir uma pena num determinado sítio ou lugar.

Desterrado aquele que, cumprindo uma decisão judicial, é impedido de viver num determinado lugar ou território, sendo obrigado a viver temporária ou permanentemente noutro lugar.

Fugitivo aquele que foge ou deserta de um determinado sítio ou situação.

Refugiado aquele que, em consequência de guerras ou perseguições, procura refúgio fora do seu país.

A condição de centro militar que Angra desempenhou ao longo do tempo torna natural que minorias, sentenciados e indesejáveis em geral se tenham concentrado na Terceira, onde a capacidade de vigilância seria maior.

Ao longo do tempo muitos foram os que aqui foram acolhidos e se acolheram, mas onde também deixaram muitos traços da sua permanência.

Os primeiros indesejáveis

Alguns autores veem na transferência compulsiva de *gente de condição* para as ilhas, ainda na centúria de quatrocentos, uma forma de controlar e regular comportamentos políticos e vivências sociais: a acomodação insular de apoiantes do regente D. Pedro, irmão do rei D. Duarte, então objeto de perseguição política, é disso exemplo.

A conversão forçada de judeus, em 1496, e o seu êxodo para territórios periféricos direciona para os Açores fluxos de fugitivos que procuram distanciar-se da metrópole acolhendo-se nas ilhas onde a representação régia e, consequentemente, a vigilância seria menor. A sua presença consolidou-se, sobretudo, no grupo central onde um grupo chega à Terceira em 1501, oferecidos como escravos a Vasco Anes Corte-Real, primogénito do capitão do donatário João Vaz Corte-Real.

Escravos (mouros, canários e negros) e delinquentes em geral engrossam, também, o contingente de migrantes compulsivos.
Mouros e negros, encontram-se nos Açores desde o princípio do povoamento: os primeiros maioritários até meados do séc. XVI devido aos contactos frequentes entre as ilhas e as praças do Norte de África; e os segundos com especial frequência durante o séc. XVII desembarcados (muitas vezes ilegalmente) das naus da Índia apesar da proibição de que assim se fizesse.
Aos condenados desde cedo a coroa substitui penas de prisão por temporadas de degredo com o fito da obtenção de uma fixação duradoira de população.

Um desterrado real



D. Afonso VI assume a governação do reino em 1666 e para garantir a sucessão casa nesse mesmo ano com D. Maria Francisca Isabel de Saboia. As incapacidades do rei motivam a anulação do casamento e a sua destituição, reclamada por vários setores da aristocracia, culmina com a atribuição da regência ao príncipe D. Pedro, irmão mais novo do rei.
Desterrado da corte e enviado para Angra, D. Afonso chega à cidade a 17 de junho de 1669. Alojado na Fortaleza de S. João Baptista com a numerosa comitiva que o acompanhou abriram-se e aplanaram-se caminhos no Monte Brasil para lhe proporcionar algum divertimento.
A falta de barcos regulares vindos da capital e a escassez de notícias promovia um clima de desconfiança na cidade e a circulação de boatos quer sobre o futuro do rei, quer sobre o que se passava em Lisboa e as intenções da regência. Nesse contexto, a agitação e a repressão tomam conta da cidade. O alfaiate Lázaro Fernandes profeta e agitador, enaltece e anuncia D. Afonso VI como o próximo conquistador da Terra Santa, enquanto Manuel Nunes Leitão, o governador, informa a corte que a ilha era favorável a D. Afonso e se encontrava prestes a apoiá-lo e a reconduzi-lo no trono, depondo a regência. Em consequência disto, o rei regressa a Lisboa a 24 de agosto de 1674 pondo fim à sua permanência em Angra e ao clima de instabilidade que se fazia sentir. Depois procedeu-se à prisão de alguns suspeitos indicados pelo governador, e de Lázaro Fernandes, mas aos naturais não foram imputadas culpas de insubordinação contra o príncipe regente tendo alguns sido premiados com títulos e mercês.
O rei foi desterrado para Sintra, onde morre em 1683 sucedendo-lhe, então, o irmão, agora D. Pedro II que reinará até 1706.

Os deportados da *Amazona*

Em resultado do clima de repressão e denúncia que se instalara em Portugal após a expulsão da primeira invasão francesa, entre 1809 e 1810, muitos indivíduos, essencialmente ligados à Maçonaria, são presos e remetidos para a Terceira na fragata *Amazona*, chegando a Angra a 26 de setembro de 1810.

A esse grupo de cerca de cinco dezenas de pessoas, portugueses, mas também estrangeiros como o conhecido botânico Domingos Vandelli, se chamará "Os deportados da *Amazona*" e será, posteriormente, apontado como responsável pela génese e difusão das ideias liberais na Terceira.

O capitão-general, Aires Pinto de Sousa, preocupado com a grande concentração de "pedreiros-livres" na cidade, impediu os estrangeiros de desembarcar e promoveu o seu envio imediato para Inglaterra. Os restantes foram distribuídos pela fortaleza de S. João Batista, convento de S. Francisco e prisão da cidade, e alguns receberam autorização para ir para outras ilhas, como S. Miguel e Faial.

Com o tempo as condições de detenção foram-se amenizando tornando-se frequente os contactos com os locais que, apesar de tudo, mantinham uma atitude de desconfiança em relação ao grupo.

Todos foram amnistiados a partir de 1814 e autorizados a regressar ao reino em 1815, mas alguns permaneceram na Terceira e participaram ativamente nas movimentações políticas que a partir de 1828 ligarão a ilha à implantação do liberalismo em Portugal.

Por apóstolos da barbara doutrina,
Que a ruínas reduz a Europa inteira,
N' A Amazona degradam p'rá Terceira
Os pedantes da turba jacobina.

in *Arquivo dos Açores*, Vol. XIV: 86-89

Copia

Relação dos Presos que se remettem para a Ilha
Terceira pela Fragata Ingleza Amazona
da pela Chefe de Esquadra Manuel Barão
de Rendufe

Devem ser conservados em ferros

Francisco Ricardo Corrêa
Joaquim Rato
O Mg.do Visconde Sergio Barroso Cardozo
O Capitão José Carlos de Figueiredo
O D.or Manoel José Antonio Ferreira Vieira
Sebastião de Paiva
José Joaq.m Vieira da Costa
Manoel Bernardo de Souza e Magalhaens

Os seguintes por diversas Vezes com todo o cuidado

O M.el Manoel Pereira Pinto
O M.el Joaq.m José da Costa Lemos
M.el de Souza Ferreira
M.el Alves do Rio
Ricardo José da Rocha
Luiz Alves
Filippe Alberto Patroni
José Maria Gonçalves
José Pedro da Cunha
Antonio Gonçalves Pereira
Manoel Joaq.m de Oliveira
O Rz.do José Diogo Mascarenhas Neto

Reclusos em diversos conventos

O P.e Francisco Alves Wanzeller
O G.de M.el Andrea
O D.r José Ferreira de Mendonça

Relação de presos enviados para a Terceira a bordo da fragata Amazona (excerto)

Os refugiados do liberalismo

Com a tomada do poder por D. Miguel, em 1828, milhares de liberais portugueses abandonam o país. Eram, na sua maioria, militares e Plymouth é o destino do seu exílio. Aí permaneceram até à ordem de dispersão ordenada pelo governo britânico em virtude da lei que proibia a concentração de depósitos militares estrangeiros no seu território.

O destino alternativo é o Rio de Janeiro, mas desde a primeira expedição de resgate, em 1829 quando se faz escala na Terceira, a preferência é pela ilha: além da maior proximidade à Europa, a ilha aderira recentemente à causa liberal decidida pelo golpe do major José Quintino Dias a 22 de junho de 1828l.

A Terceira ficava assim disponível para receber levas de exilados liberais que conseguiam romper o bloqueio miguelista convictos que a sua permanência impediria a tomada da ilha pelos absolutistas.

Em Angra, os refugiados liberais levaram a cabo muitas atividades. Se bem que algumas motivadas pela necessidade de garantir o seu sustento, todas eram, também, demonstrativas do nível intelectual do grupo e da capacidade de interação social que estabeleceram com os locais.

A produção escrita (folhetos, traduções, obras originais...) foi uma dessas atividades, e nela se engloba a imprensa periódica introduzida na Terceira, e nos Açores, por esta via.

Alexandre Herculano e Almeida Garrett fizeram parte desse grupo que virá a constituir, posteriormente, o Batalhão de Voluntários da Rainha.

Dever-se-á ao ultimo a atribuição dos títulos *do Heroísmo* e de *sempre constante* à cidade de Angra do Heroísmo.

Desafiando a esquadra do Usurpador ...
... a escuna a que foi dado o nome “Terceira”

Senhora,

Diz Rafael José Lopes de Andrade, Consul geral de V. Magestade em Gibraltar, que sendo bem notorios aos agentes da usurpação os sentimentos da fidellidade do Supp.te para com V. Magestade, e tendo, por isso, sido uma das primeiras victimas escolhidas para a perseguição, se escapou a ella emigrando da sua patria; e então a sua conducta foi a seguinte.

Aggregando-se o Supp.te ao deposito dos emigrados de Plymout, foi ali o companheiro fiel dos trabalhos e das fadigas dos portugueses fieis; mas, porque tinha meios de subsistencia, não o quis sêr no soccôrro prestado a estas victimas, reservando assim o que lhe devia pertencer para socorrer outro honrado infeliz que fôsse engrossar as filleiras de V. Magestade.

Depois de varias fortunas, achando-se o Supp.te em Ostende quando d'ali devião embarcar para a Ilha 3ª, muitas praças do Bat.am 5º de Caçadores, e não podendo effectuar-se o embarque, por falta de soccorros pecuniarios, foi o Supp.te quem, não só prestou gratuitamente esses soccorros, mas acompanhou estas praças, e com ellas participou de todo o pêso do serviço, fadigas, e perigos de vida.

Chegado áquella Ilha, ali prestou o Supp.te seus serviços pessoaes, até que foi commissionado para ir a Gibraltar, munido de credito, para haver alguns fundos, e arranjar com elles alguã embarcação de guerra, promovendo a emigração: e não se tendo realisado a acquisição de fundos, nem havendo embarcação alguã, senão a Escuna, ao depois chamada - **Terceira** -, que estava debaixo de palavra dos liberaes hespanhoes, o Supp.te, não só promptificou de si os fundos que lhe falhárão, mas desembaraçou o compromettimento da **Escuna**, comprando-a, equipando-a, e armando-a. E, não só isto, senão que, não podendo obter bandeira de algum consul estrangeiro para navegar, sollicitou e conseguio de Genova que o Consul Sardo lhe concedesse a sua; concessão esta que, passando a sêr innutil, em consequencia da denuncia do Consul do usurpador sobre a artilharia, armamento, e gente sem passaporte, emfim elle rompeo todos estes riscos, lançou-se aos mares, e atravessou a morte entre o bloqueio da usurpação, e o már adverso, lançando os emigrados na dita Ilha, parte dos quaes salvára das delações do Consul do usurpador em Gibraltar, por intervenção de suas amizades e abonações.

(...)

Chegada a embarcação ao seu destino em tempo que servio para secundar a expedição e tomada de S. Miguel, depois que o Supp.te ali prestou os serviços pessoaes que são notorios, foi a sua Escuna a primeira embarcação de guerra que, com bandeira bicolôr, entrou nos Portos ingleses, no de Portmout. Aqui acudio um agente da usurpação para comprar e sublevar a tripulação; o que sendo sabido, veio o Supp.te de Londres áquelle Pôrto, e ali descobrio o seductor, e destruio a seducção, salvando a Escuna deste nôvo risco.

Depois de muitos outros serviços importantes, qual o de ter conseguido em Gibraltar que a Curveta - Isabel Maria -, do usurpador, não fôsse cruzar aos Açôres, e impedir as operações, volvendo à Ilha 3ª (*), ali teve parte em todos os trabalhos, fadigas, e riscos, até ao embarque da expedicção ao Porto, da qual foi o Supp.te parte.

Desembarcado ali, supportou todos os riscos d'aquella terrivel campanha, até á libertação desta Cidade, e vinda para ella do Immortal e Augusto Páe de V. Magestade, que o Supp.te acompanhou, e logo depois da sua chegada, foi despachado para Gibraltar.

Chegado ali, achou-se sem Archivo, sem um só papel pertencente ao Consulado, porque o ex-Consul do Usurpador, Parrella, fugíra para a Hespanha com todo o Cartorio: dispendeo o Supp.te não pequenas sommas para o obter amigavelmente; porem não o tendo conseguido, foi necessario despender outra consideravel somma para montar, como de novo montou a Secretaria, e fazer o serviço, como até agora tem feito, com o seu costumado zêllo e intelligencia.

Persuade-se então o Supp.te, Senhora, que , não sendo vulgares os seus serviços, mas talvez sím dos mais extremados, em crize tão memoravel, são elles dignos da Consideração de V. Magestade, para o fim de os stygmatizar com a distincção que elles tiverão entre os outros e sendo o Supp.te já cavalleiro da Ordem de Christo, parece justo, e por isso

P. a V. Magestade a graça de-o Condecorar com uma comenda da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Lisboa, Fev° de 1835

(*) A **esquadra de D. Pedro**, composta da fragata Rainha de Portugal, da corveta Amélia, da **escuna Terceira**, dum barco a vapor e de dois transportes Eduard e Tyrian chega a S. Miguel a 22 de Fevereiro de 1832, vinda de Inglaterra, e aporta à Terceira a 3 de Março, onde D. Pedro assume a regência e proclama aos portugueses.

O exílio dos régulos africanos

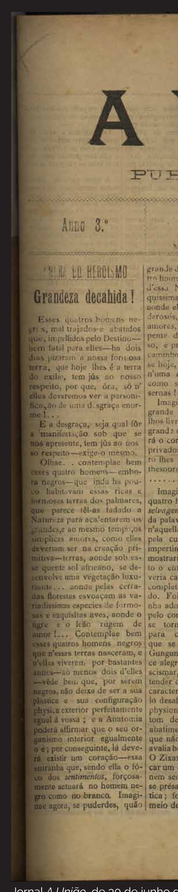
Os movimentos insurrecionais contra a administração portuguesa no sul de Moçambique, inicados em 1893, têm em Gungunhana, último chefe vátua do território de Gaza, o responsável pelo último reduto de resistência ao domínio português.
Aprisionado em 28 de dezembro de 1895, em Chaimite, por Mouzinho de Albuquerque, o antigo chefe africano, inicialmente enviado para Lisboa, chega a Angra do Heroísmo a 27 de Junho de 1896 acompanhado do filho, Godide, do tio Molungo, e do chefe rival Matibejana, conhecido por Zixaxa.
Instalados na fortaleza de São João Baptista, nos primeiros meses foi-lhes permitido, apenas, passear pelo recinto do forte, mas as medidas de segurança foram-se suavizando passando a ser-lhes admitido o acesso ao Monte Brasil onde costumavam caçar coelhos que depois cozinhavam.
A sua integração no quotidiano e costumes locais foi-se fazendo com relutância pelos exilados mais velhos, mas apesar disso gozavam de grande popularidade na cidade que os associou a várias iniciativas: as meninas usavam chapéus com abas *"à Gungunhana"*, o Teatro Angrense dedicou-lhes a peça *Gungunhana nos Açores*, a fábrica de tabaco *Flor de Angra* comercializou a marca *Régulos* e oferecia brindes com as suas fotografias, enquanto António José Leite editou alguns postais com fotografias deles.
Por pressão das autoridades foram baptizados em 1899, na Sé Catedral, e seis anos passados Gungunhana seria o primeiro a morrer, a 23 de Dezembro de 1906, vítima de uma hemorragia cerebral. Em 1911, foi a vez do seu herdeiro, Godide, que sucumbiu à tuberculose, e no ano seguinte, Molungo.
Zixaxa, o último sobrevivente, manteve o porte altivo e conta Vitorino Nemésio no *Mau Tempo no Canal* que, passando pelo general Pimenta de Castro e à ordem do sargento da escolta de *Curve-se! Não vê que é o nosso general?!*, Zixaxa respondeu *General?! General sou eu, que comandei dez mil homens!*
Morreu em 1927, e foi o único que deixou descendencia em Angra.



Reynaldo (Gungunhana), António (Godide), José (Molungo) e Roberto (Zixaxa) em 1904, depois de serem batizados



Gungunhana em Gaza, em 1891



A UNIÃO

PUBLICAÇÃO DIARIA

Ano 3.º — Terça-feira, 30 de Junho de 1896 — Numero 765

DIRECTOR, PROPRIETARIO E EDITOR
MANUEL VIEIRA MENDES DA SILVA

Grandeza decahida!

Esses quatros homens negros, si, mal trajados e ignobeis, que, impellidos pelo Destino, vem fatal para elles—ha dois dias pizarem a nossa formosa terra, que hoje diva-a terra do exilio, tem jás ao nosso respeito, por que, óra, só lhe ella devoramos ver a provação, ão de uma d. sgraça enormissima!...

E a desgraça, seja qual fôr a manifestação sob que se nos apresente, tem jás ao nos so espirito—o mesmo.

Olhae... contemplae bem esses quatro homens—embora negros—que isto ha que ou habit-vam essas ricas e formosas terras dos palmares, que parece estarem ladeando a Natureza para aca'entarem os grandes, ao mesmo tempo os simplices mestres, como dies devem ser na evolução primitiva—terras, aonde sob esse aporte sol africano, se desenvolve uma vegetação exuberante... aonde pelas cerradas florestas exvoçam as variadissimas especies de animaes, feras e exquisitas aves, aonde o tigre e o leão rogem de amor!... Contemplae bem esses quatros homens negros que n'esses terras nasceram, e v'ulla viveram por bastantes annos—ao menos dois d'elles —vede bem que, por serem negros, não deixa de ser a sua plastica e sua configuração physica exterior perfeitamente igual á vossa; e v. Antonia poderá affirmar que o seu organismo interior egualmente o é; e por conseguinte, lá deverá existir um coração—essa sutirinha que, sendo ella o fóco do seu sentimento, forçosamente ha de ser correcta, pratica; foi que ao passar pelo meio de algumas pessoas, elles preferiram, mas mal por certo, ser repellidos, que ir, pretencitivamente, esta phrase—*com licença*.

Zixaxa tem um porte incontestavelmente distincto. Godide é o perfeito typo do garoto, mas cobarde se que é bom... ou astuto; e por vezes tem graça.

A desgraça, seja qual fôr a manifestação sob que se apresente, tem jás ao nosso espirito—exige-o até.... E' pois nosso dever respeitar esses quatro homens negros prisioneiros, nos quaes, hoje, só devemos ver a personificação de uma grande e afflicta, de uma enorme desdita!...

Respeitemo-los pois, e que se lhes attenue, quanto possivel fôr, a tristeza do exilio...

28—6—96. *M. G.*

O Gungunhana

Em Monsanto

Chegou ao forte, pelas 7 ½ horas da tarde do dia 22, a força de cavallaria a que devia escoltar os treus de preza em que seriam conduzidos os prisioneiros de guerra.

Tratou-se então de fazer sahir os presos do apousento em que estavam.

N'essa occasião entregaram lhe calças novas de brim que, por signal, lhes não serviram.

As do Gungunhana reagiram se logo!

Vendões *ad hoc*, os homens, sobraçando as trouxas com o redondo *guarita roupa*, ergueram-se e trataram de sahir ao meio da barraria furiosa das mulheres que queriam por força acompanhal-os e que, por entre os seus lamentos, lazian gestos indicativos de que estavam persuadidas de que elles iam.... á degolla.

O Godide, o Zixaxa e o Molungo, fazendo da fraqueza força, obedeceram, embora reconvos, á ordem de marcha; o Gungunhana, porem,—por consciencia (?) de devia estar espellando scenas de extraordinaria ferocidade, que requeriam exemplar castigo,—o Gungunhana, dissemos, esse, teve-os em extremo, afortunado, desmaiando, sentou-se no chão, agarrou a cabeça com as mãos e só ao cabo de alguns soldados, pôde ser levado até ao forte, não entrando novidade, senão quando o Godide entrou primeiro.

Com o olhar errante, os olhos humidos, o ar reguilo de Goza, voltando-se para um official do ministerio da guerra que o acompanhava, repetia-lhe em voz commovida: «Vae morrer!»

E com a mão livre e tremula de desespação, acabava de dizer do meio de si transpillado:

Arrumbo-o, respeitavam-o, vae morrer!»

Tratavam-o, porem, respeitosamente como o competente recibo de entrega ao commandante da força, que se apressou immediatamente a bordo.

No Castello

O povo que acudiu ao caes e seguiu os prisioneiros, junto ao qual ellhas das differentes ruas, chegou a formar uma compacta massa explanada do Castello, augmentando ainda mais quando os mesmos prisioneiros foram estacionar em frente do portão principal, para esperarem estas formalidades. Mas quando se preparavam para transpor a porta, o povo, que até ahi se conservara silencioso, prorompeu em vivas e palmas, que se prolongaram até ao interior do castello.

Ao chegar ao primeiro patamar, o Gungunhana, dissimos, esse, teve-os em extremo, afortunado, desmaiando, sentou-se no chão, agarrou a cabeça com as mãos e só ao cabo de alguns soldados, pôde ser levado até ao forte, não entrando novidade, senão quando o Godide entrou primeiro.

Com o olhar errante, os olhos humidos, o ar reguilo de Goza, voltando-se para um official do ministerio da guerra que o acompanhava, repetia-lhe em voz commovida: «Vae morrer!»

E com a mão livre e tremula de desespação, acabava de dizer do meio de si transpillado:

Arrumbo-o, respeitavam-o, vae morrer!» nos trouxas nos dos treus e com soldados de cavallaria do posto ondas seguiram, para o Arsenal pelo lado de Alvito, Alcantara e Ajuda, onde chegaram as 8 ½.

No Arsenal

Como se guardou incerto sobre a hora do embarque, pouca gente veiu ver tão interessantes aspectos estabelecimento.

Dentro, e junto a caes do effeito, só estavam, além d'esse effeito, a gerida de Mr. Ferreira, os srs. Tenentes Leite Rego e Estygido Lino da Silva Junior, ajudante e secretario do sr. ministro da marinha, algumas senhoras e varios *reporters*.

Quando sili pararam os treus, o Gungunhana, ela ultima vez a Gungunhana, dirando a cabeça fóra da portinhola, perguntou:

—Vae morrer?

Tratavam-lo de tranquillisar.

Uma guarda de sinco marinheiros, com espingarda e sabre armado, acompanhava os prisioneiros para bordo do rebocador *Vulcão*, indo cada um com suas praças.

O Gungunhana teve de ser levado pela mão; cambaleava com difficuldade, e, recebeu, como quem se vae despedir de alguem, um abysmo immenso!

O Molungo tambem ia tropego; o Godide e o Zixaxa, tranquillos na apparencia, este ultimo principalmente, porque o primeiro ainda perguntou se sam muitar o pão.

No *Vouga* embarcaram o sr. Estygido L. da Silva, os representantes do *Seculo*, *Popular* e *Diario de Noticias* e o sargento com a guarda para lhe passarem o recibo a bordo.

Na «Zambeze»

Ao portaló estava o illustre official sr. Frouteira Caceres, commandante d'esse vaso de marinha de guerra.

Os prisioneiros passaram com difficuldade para a coberta.

Na toldá estava formada a guarda de navio.

Depois de apalpados, foram levados para a coberta de vante e installados junto á porta da dispensa do estado menor, logar onde haviam dois beliches a bombordo e dois a estibordo, sobre-postos, tendo em que se sentar quando lhe trouxeram colchões e travesseiros, tendo cada um especial cuidado em reclamar as respectivas trouxas, com as quaes se accommodaram, cobrindo-se com mantas que tambem levaram.

O Gungunhana conservava na mão uma pequena garrafa, de que tirava pitadas d'um pó, que cheirava e com que presentiava os seus companheiros a bordo e Molungo.

A's 9 e 40 minutos largava o *Vouga* em direcção ao arsenal onde momento em que o Molungo pedia agua e o commandante ordenava que lhes dessem um balde cheio d'ella e um canecco.

O sr. conselheiro Jacinho Candido embarcou a *Zambeze* uma hora antes do navio levantar ferro.

O commandante da *Zambeze* disse ao Godide que, quando desejasse alguma coisa para si ou para os companheiros, se lh'a pedisse, pois sempre encontraria n'elle apoio e protecção.

A viagem

A «Zambeze» largou o Tejo ás 11 horas da manhã do dia 25. Durante a viagem os presos foram guardados constantemente por duas sentinellas, ficando sinda uma outra á porta da escotilha da coberta.

O commandante do navio ordenou que ninguem da tripulação lhes dirigisse a palavra, ou lhes fizesse gestos que os attendesse tassem, tendo havido sempre o maior cuidado, quando lhes permittiam subir á tolda, que algum se lhes lançasse ao mar.

A comida foi-lhes fornecida já partida, para que não tivessem necessidade de servir de facção.

A chegada

Logo que se espalhou a noticia de que a canhoneira estava á vista, foi extraordinaria a quantidade de pessoas que se dirigiram ao caes de Alcantara.

A «Zambeze» fundeou pelas 1 ½ horas sendo logo visitada pela estação de saude.

Pouco depois desembarcava o sr. Frouteira Caceres e um guarda-marinha, dirigindo-se ao Castello, onde foi conferenciar com o sr. V. de Villa Nova de Ourem.

A's tres horas voltou a bordo. Um quarto d'hora depois dirigiam-se para terra os prisioneiros custodiados por uma força de marinheiros commandada por um 2.º sargento.

O aspecto do Gungunhana e Molungo era de profundo abatimento. Ainda assim, no caes, o ex-rei de Gaza teve um soberbo e ultimo olhar para a multidão que se apinhava na sua passagem.

Vinham um pouco tropegos, principalmente o Molungo.

O grande e terrivel Gungunhan, caminhando vagarosamente, com a fronte dos seus companheiros de infortunio, descaiço, com a tralda de fóra, uma trouxa ao hombro, escorrendo em suor, todo um mal trapilho, era commovel-o profundamente.

O valente e destemido regulo de Gaza, o que encetara, emfim, typo distincto na sua raça, tantos homens negros prostrados aos seus queridas Evas do que a felicidade que os arrancou do seu país.

As dez mulheres dos prisioneiros e o Go, o ganso cosinheiro, ficaram em Monsanto.

Consta, porem, que vão ser breve entregues ao ministerio da marinha, que as fará transportar com as suas pessoas para o mesmo ponto da costa occidental d'Africa.

Os prisioneiros de guerra são considerados 1.º sargentos addidos a cacadores n.º 10 para o effeito de abono de prets que é egual ao que vencem aquelles praças.

Assim, vencem pão, rancho dos officiaes inferiores e o prets diario de 200 reis.

Os prisioneiros tem homenagem na praça do castello.

Durante o dia estão na vasta caserna da 2.ª companhia do 2.º batalhão, que foi preparada para os receber.

De noute são trinsferidos para o reducto junto á guarita do *Paiol*, em consequencia da falta de forca no regimento que permitta estabelecer-se o serviço de vigilancia junto d'aquella caserna.

No dia da chegada não sahiram.

No domingo, porem, depois de assistirem á missa, foram os bandeiras, o Godide e o Zixaxa manifestaram desejos de passear e que lhes foi concedido.

Ao servir-se-lhes o rancho no dia da chegada esqueceu darem-lhes talheres.

O Godide pediu-os. Foi logo attendido.

O Zixaxa embora diga que não falla portuguez é certo que conhece a lingua, tanto que prestou sempre attenção ao que dissem as pessoas que os iam visitando, mostrando na cara signaes que está comprehendendo tudo.

Quando o illustre general governador do Castello os foi ver a guarda apresentou armas.

Os prisioneiros manifestaram o seu respeito por modo diverso: poisaram-se de cocoras.

Gungunhana e seu tio estão quasi sempre sentados sobre as camas com as pernas cruzadas, e não tem duvida em se deitarem com os pés para a cabeceira.

A noite passada deu-se uma scena interessante na caserna em que estão alojados: seria uma hora, mais ou menos, depois da estrondo. O sargento de ronda entrou e foi achar o Gungunhana a dormir no soalho tendo caido da cama abaixo; acordou do por aquelle chamou espantado: «Godide, Zixaxa! Valha-me Deus!»

Convencido de que estava livre deixou socegadamente e adormeceu outra vez.

Que Deus charmaria elle na sua afflicção?

Tem sido extraordinario o numero de visitantes ao castello.

Principalmente o Godide faz as delicias dos curiosos respondendo com precisão ás perguntas que lhe dirigem.

O governo facultava a cada prisioneiro a escolha d'uma companheira.

As pretas, porem, fizeram *grève* declarando que ou iriam todas ou então nenhumas. Assim succedeu. Naturalmente repugnava-lhes a vida de isolamento a que o capricho dos seus companheiros as votava.

O Gungunhana não toma qualquer alimento ou bebida que antes não seja provado pelo Bilho.

Causou ao principio impressão de terror aos prisioneiros, hoje tem, quando estiveram á mesa, a prudencia de provar a palavra *Moussinho*, era o nome de auctoridade, e não do individuo, chamado *Moussinho*.

Agora trasmem-o por mejor e sempre que o veem passar por ele perfilham-se e fazem a continencia.

A Moussinho chamam—o *general Moussinho*.

Molungo ainda se preocupa e por vezes pergunta se lhe hão de cortar a cabeça. A affirmativa que lhe fazem duvidosa.

O Gungunhana já tem predilecção por algumas pessoas que o vem presentado, com a devida licença, e que o vem visitado varias vezes, chegando a abraçal-o e beijal-lhe as mãos em signal de affecção e reconhecimento.

Quando lhe dão qualquer cousa ou junta os ante braços ao mesmo tempo que as mãos, para depositarem a offerta, prefere do claramente a phrase—*muito obrigado*.

Aos prisioneiros foi-lhes concedido irem comer ao refeitorio dos sargentos ás horas da refeição dos officiaes inferiores armados.

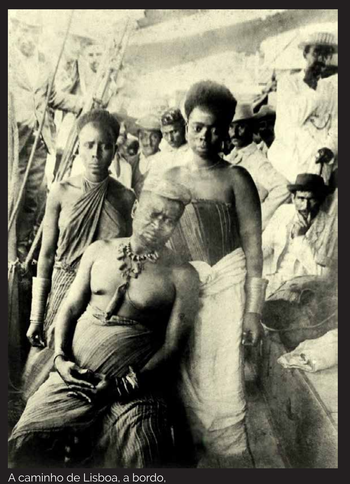
Em 1891, com a tradicional coroa de cera



Gungunhana em Manjacaze, em 1895



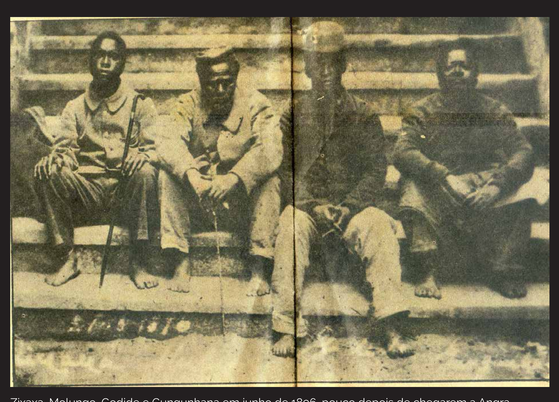
Em Lourenço Marques, depois da detenção, com as suas sete mulheres



A caminho de Lisboa, a bordo,
Gungunhana com duas das suas favoritas



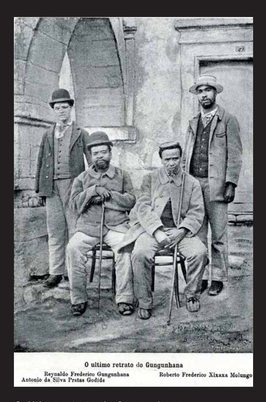
Maço da Fábrica de Tabaco Âncora, marca Régulos



Zixaxa, Molungo, Godide e Gungunhana em junho de 1896, pouco depois de chegarem a Angra
Postal n.º 17 da *Loja do Buraco*



O grupo à porta de um edificio no forte de S. João Batista



O último retrato de Gungunhana



Zixaxa com jornalistas, na década de 1920

A UNIÃO

primeiro pediu para lhe darem um chapeu alto e botas; tem tendencia para *dandy*.

Estes differem em muito dos gostos dos outros prisioneiros.

Offereceram a todos bengalas, o que estimaram muito.

Assim, gostam de nozes que partem e comem enquanto que Molungo deseja que lh'as deem descascadas e Gungunhana não come, repugnando-lhe que as partam com os dentes. Zixaxa só bebe vinho.

Homem o Gungunhana pode cia do fogão, razão porque se achava melancholico e abatido, e um canado de ser prisioneiro davam-se semblantes um caracteristico de profundo pesar.

Fallava ambudas vezes, com os olhos arrasados de lagrimas e dessas vezes, lagrimas, com as quaes se accommodaram, cobrindo-se com mantas que tambem levaram.

O Gungunhana conservava na mão uma pequena garrafa, de que tirava pitadas d'um pó, que cheirava e com que presentiava os seus companheiros a bordo e Molungo.

A's 9 e 40 minutos largava o *Vouga* em direcção ao arsenal onde momento em que o Molungo pedia agua e o commandante ordenava que lhes dessem um balde cheio d'ella e um canecco.

O sr. conselheiro Jacinho Candido embarcou a *Zambeze* uma hora antes do navio levantar ferro.

O commandante da *Zambeze* disse ao Godide que, quando desejasse alguma coisa para si ou para os companheiros, se lh'a pedisse, pois sempre encontraria n'elle apoio e protecção.

A viagem

A «Zambeze» largou o Tejo ás 11 horas da manhã do dia 25. Durante a viagem os presos foram guardados constantemente por duas sentinellas, ficando sinda uma outra á porta da escotilha da coberta.

O commandante do navio ordenou que ninguem da tripulação lhes dirigisse a palavra, ou lhes fizesse gestos que os attendesse tassem, tendo havido sempre o maior cuidado, quando lhes permittiam subir á tolda, que algum se lhes lançasse ao mar.

A comida foi-lhes fornecida já partida, para que não tivessem necessidade de servir de facção.

A chegada

Logo que se espalhou a noticia de que a canhoneira estava á vista, foi extraordinaria a quantidade de pessoas que se dirigiram ao caes de Alcantara.

A «Zambeze» fundeou pelas 1 ½ horas sendo logo visitada pela estação de saude.

Pouco depois desembarcava o sr. Frouteira Caceres e um guarda-marinha, dirigindo-se ao Castello, onde foi conferenciar com o sr. V. de Villa Nova de Ourem.

A's tres horas voltou a bordo. Um quarto d'hora depois dirigiam-se para terra os prisioneiros custodiados por uma força de marinheiros commandada por um 2.º sargento.

O aspecto do Gungunhana e Molungo era de profundo abatimento. Ainda assim, no caes, o ex-rei de Gaza teve um soberbo e ultimo olhar para a multidão que se apinhava na sua passagem.

Vinham um pouco tropegos, principalmente o Molungo.

O grande e terrivel Gungunhan, caminhando vagarosamente, com a fronte dos seus companheiros de infortunio, descaiço, com a tralda de fóra, uma trouxa ao hombro, escorrendo em suor, todo um mal trapilho, era commovel-o profundamente.

O valente e destemido regulo de Gaza, o que encetara, emfim, typo distincto na sua raça, tantos homens negros prostrados aos seus queridas Evas do que a felicidade que os arrancou do seu país.

As dez mulheres dos prisioneiros e o Go, o ganso cosinheiro, ficaram em Monsanto.

Consta, porem, que vão ser breve entregues ao ministerio da marinha, que as fará transportar com as suas pessoas para o mesmo ponto da costa occidental d'Africa.

Os prisioneiros de guerra são considerados 1.º sargentos addidos a cacadores n.º 10 para o effeito de abono de prets que é egual ao que vencem aquelles praças.

Assim, vencem pão, rancho dos officiaes inferiores e o prets diario de 200 reis.

Os prisioneiros tem homenagem na praça do castello.

Durante o dia estão na vasta caserna da 2.ª companhia do 2.º batalhão, que foi preparada para os receber.

De noute são trinsferidos para o reducto junto á guarita do *Paiol*, em consequencia da falta de forca no regimento que permitta estabelecer-se o serviço de vigilancia junto d'aquella caserna.

No dia da chegada não sahiram.

No domingo, porem, depois de assistirem á missa, foram os bandeiras, o Godide e o Zixaxa manifestaram desejos de passear e que lhes foi concedido.

Ao servir-se-lhes o rancho no dia da chegada esqueceu darem-lhes talheres.

O Godide pediu-os. Foi logo attendido.

O Zixaxa embora diga que não falla portuguez é certo que conhece a lingua, tanto que prestou sempre attenção ao que dissem as pessoas que os iam visitando, mostrando na cara signaes que está comprehendendo tudo.

Quando o illustre general governador do Castello os foi ver a guarda apresentou armas.

Os prisioneiros manifestaram o seu respeito por modo diverso: poisaram-se de cocoras.

Gungunhana e seu tio estão quasi sempre sentados sobre as camas com as pernas cruzadas, e não tem duvida em se deitarem com os pés para a cabeceira.

A noite passada deu-se uma scena interessante na caserna em que estão alojados: seria uma hora, mais ou menos, depois da estrondo. O sargento de ronda entrou e foi achar o Gungunhana a dormir no soalho tendo caido da cama abaixo; acordou do por aquelle chamou espantado: «Godide, Zixaxa! Valha-me Deus!»

Convencido de que estava livre deixou socegadamente e adormeceu outra vez.

Que Deus charmaria elle na sua afflicção?

Tem sido extraordinario o numero de visitantes ao castello.

Principalmente o Godide faz as delicias dos curiosos respondendo com precisão ás perguntas que lhe dirigem.

O governo facultava a cada prisioneiro a escolha d'uma companheira.

As pretas, porem, fizeram *grève* declarando que ou iriam todas ou então nenhumas. Assim succedeu. Naturalmente repugnava-lhes a vida de isolamento a que o capricho dos seus companheiros as votava.

O Gungunhana não toma qualquer alimento ou bebida que antes não seja provado pelo Bilho.

Causou ao principio impressão de terror aos prisioneiros, hoje tem, quando estiveram á mesa, a prudencia de provar a palavra *Moussinho*, era o nome de auctoridade, e não do individuo, chamado *Moussinho*.

Agora trasmem-o por mejor e sempre que o veem passar por ele perfilham-se e fazem a continencia.

A Moussinho chamam—o *general Moussinho*.

Molungo ainda se preocupa e por vezes pergunta se lhe hão de cortar a cabeça. A affirmativa que lhe fazem duvidosa.

O Gungunhana já tem predilecção por algumas pessoas que o vem presentado, com a devida licença, e que o vem visitado varias vezes, chegando a abraçal-o e beijal-lhe as mãos em signal de affecção e reconhecimento.

Quando lhe dão qualquer cousa ou junta os ante braços ao mesmo tempo que as mãos, para depositarem a offerta, prefere do claramente a phrase—*muito obrigado*.

Aos prisioneiros foi-lhes concedido irem comer ao refeitorio dos sargentos ás horas da refeição dos officiaes inferiores armados.

Em as *instrucções*, que hontem

A UNIÃO

foram publicadas á guarnição do castello d'Angra, sobre os prisioneiros:

Artigo 1.º—Que os 4 prisioneiros de guerra, Gungunhana, Molungo, Zixaxa e Godide, ultimamente removidos para esta Praça, sejam alojados nas casas de reclusão n.ºs 17, 178 e 179, e tenham por homenagem o recinto do castello desde as 8 horas da manhã até ás 5 da tarde, podendo passear nas ruas da cidade, mas sempre acompanhados de ronda nomeados para este fim, e pelas mesmas horas, quaes forem requisitados.

Art.º 2.º—Fora das horas da homenagem e portanto durante a reclusão, um 2.º sargento nomeado diariamente no regimento de cacadores n.º 10, para commandar as casas de reclusão, dirija responsavel pela segurança dos respectivos prisioneiros, devendo para isso fazer a ronda e dar parte a seguir.

Artº 3.º—Que é defeso a entrada na casa de reclusão a qualquer individuo desde que não seja em objecto de serviço e ainda assim que a porta se ache aberta.

Art.º 4.º—Que o sr. ajudante de praça tome a seu cargo a conservação da mesa inteira e limpeza individual.

Paragrafo 1.º unico—Que as mesmas, no proximo dia 1 de julho, sejam substituidas de praça a companhia de artilheria ali e quartelados.

Com uma casa regular, bello tempo, boa musica e um centro de bom sangue, mas muito minino, tivemos a corrida do dia 28.

Pena foi que os novos e dis tinctos *gandeiros* não guardassem para a futura epocha o gado que agora apresentaram.

A falta de espaço, priva-nos de dar-mos os detalhes.

Assim, diremos, sem graves receios de contestação, que o trabalho de *Lobito* no 2.º touro foi primoroso e o mais perfeito que o sympathico e lustrado *moriheiro* nos tem apresentado.

Um magnifico *quebro de rodillas*, levez bons pares de bandarilhas, um excellente trabalho de muleta rematado por um signal de norte de primeira ordem.

Nos outros garnios teve tambem bom trabalho, fazendo uma regular *sorte de cadeira*.

Foi muito victoriado.

Comarin, tem um bello sahido 4 vara *largo*, em que é exigido e uns bons cambios que lhe fizeram largos aplausos.

Abatzantinho fez dois bons pares de bandarilhas, dando-lhe muito razoaveis passes de capote.

Garrocho, correcto e como sempre diligente, agradou.

Os *ganadeiros*, especialmente o nosso amigo o sr. Gervasio Lourenço, tiveram chamadas especiaes, recebendo estrondosas ovações.

Serviço Telegraphico DA A UNIÃO

Lisboa, 29 de 9 h. 25 m.

A commissão executiva da festas do centenario de Inês trata de preparar o programma da reprecentação aportuna a essas festas.

Consta que o sr. Alfredo de Mesquita irá aos Açores organisar os trabalhos das commissões locaes para tal fim.

Os numeros mais premiados na lotería extrahida a 27, foram os seguintes:

2.186—485—2.655—2.957.

—Cambios:

Londres 44 ½;
Paris 692
Allemanha 284
Rio de Janeiro 9 ½;
Agio dos libras 18290

Horta, 29, ás 4 h. 50 m. n.

Hontem chegou a Lisboa o *Funchal* que hoje para essa alha pelas escalas do costume.

Lisboa 30, ás 10 h. 30 m.

A Bergantha entrará em agosto mais 40 homens para Cuba.

Seguirão em vapores da Companhia Transatlantica.

Correspondentes

Definições e Pensamentos

As mulheres que olham para os homens, fingindo que os não olham, observam melhor.

André Theuriet

Acha se entre nos o sr. Augusto de Paula Moura Pinto, antigo cavalheiro michaelense, que ha dois annos vai visitar a bordo da *Flecha*.

O intelligente industrial vem realisar o seu consorcio com a interessante filha primogenita do nosso amigo o sr. Miguel Pinto de Palhinha

As nossas boas vindas.

Casou hontem, pelas 6 horas da tarde, na egreja parochial de Santa Luzia e sr. Joaquim Teixeira da Silva, com a exm.ª sr.ª D. Amelia da Guarara.

Aos sympathicos noivos desejamos uma eterna lua de mel.

O sr. Teixeira e sua exm.ª espoza partem no *Açor* para a Lagoa, onde o novo funccionario adquirio vae desempenhar o seu logar na alfandega da capital.

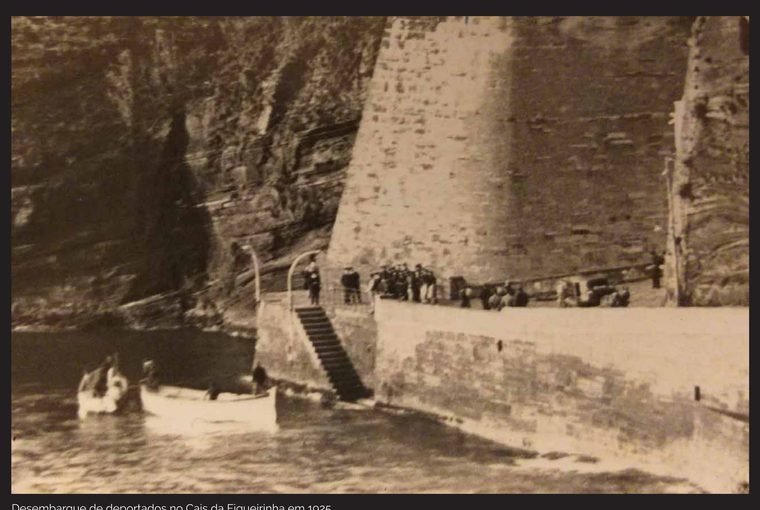
Os deportados da I.ª República

1913

Na sequência da tentativa de derrube do governo de Afonso Costa em 27 de abril de 1913, são deportados para a Terceira mais de uma centena de indivíduos organizados em torno da *Federação Radical Republicana*.
A sua chegada deu origem à criação do *Depósito de Presos Políticos* no Forte de S. João Batista.
Devido à preocupação com a guarda de indivíduos considerados perigosos, foram elaboradas instruções específicas para o reforço da segurança e guarda da fortaleza.
Os cerca de 132 presos eram, maioritariamente, militares e o seu regresso a Lisboa só aconteceu a 18 de dezembro de 1913, na sequência do que o *Depósito* é dissolvido.

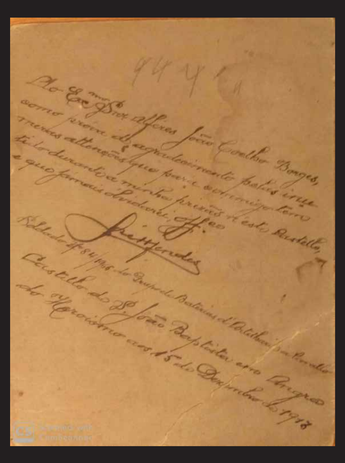
1925

Em maio de 1925 outra remessa de deportados chega à Terceira em resultado de revoltas ocorridas em Lisboa a 18 de abril e a 19 de julho, dando origem ao, agora, *Depósito de Presos Civis* oriundos dos sectores anarquista e comunista.
Organizados sob a designação de *Legião Vermelha*, organização que desde 1919 contestava os poderes instituídos planeando e executando paralisações, manifestações violentas e atentados, os 18 presos políticos foram encarcerados no forte de S. João Batista, na mesma caserna que acolhera os deportados de 1913. Perante a "fama" de perigosos com que vinham conotados, o governador do castelo propõe a criação de um novo *Depósito de Presos Civis* e o reforço de efetivos.
A Câmara Municipal chega a solicitar a sua transferência e, de facto, a estadia é breve já que a 2 de julho regressam a Lisboa não sem que no mês de junho se tenham sublevado causando danos nas instalações.
O seu embarque, rodeado de fortes medidas de segurança, efetuou-se pelo Cais da Figueirinha, mas ao longo do percurso os presos manifestaram-se ruidosamente contra o governo.



Desembarque de deportados no Cais da Figueirinha em 1925





Postal-recordação com fotografia do soldado José Fernandes, detido no Forte de S. João Batista em 1913

Gazetilha

Pirilau é minha graça
P'ró pagode e p'rá chalaça
E venho, p'la vez primeira,
Versejar em gazetilha,
No coração d'esta ilha
Denominada: Terceira.

Caros leitores e leitoras,
meus senhores, minhas senhoras
Minha vénia a todos faço.
Pirilau, mau grado as famas,
é cortez e p'ra madamas
um cãozinho de regaço.

Com fama de bolchevista
(ou será da minha vista?!...)
para aqui vim deportado;
Mas juro por minha fé
que só hoje sei o que é
o estar bolchevisado.

Pois quem pode resistir
A tanta boca a sorrir
e a tanto olhar divino
sem sentir n'almas dezejos
de bombard'ar tudo a beijos
ficasse embora assassino?!

Meninas d'Angra, oh flôres
desta "Ilha dos Amores"
perdida no imenso mar!
Se um dia daqui partir,
só para vos ver sorrir
eu torno-me a revoltar.

Eu, porém, desde já peço,
se por ventura mereço
vossas ternas atenções,
que reserveis, em segredo,
um canto, p´ra meu degredo,
dentro em vossos corações.

PIRILAU
in *O Deportado*, 16 de abril de 1927



Concentrados reunidos por grupos em frente à igreja de S. João Batista
Prova fotográfica sobre papel. MAHI20160993

Os Concentrados alemães de 1916

Com a declaração de guerra a Portugal pela Alemanha, a 9 de março de 1916, todos os navios germânicos que se encontravam em portos portugueses são apresados.
Nos Açores estavam nessa situação três embarcações em Ponta Delgada e outras três na Horta, e os seus tripulantes bem como os operadores do centro de comunicações do cabo submarino na Horta e as suas famílias, e alguns cidadãos germânicos residentes nos Açores, são reunidos em depósitos de prisioneiros temporários em S. Miguel, Terceira e Faial.
Em maio desse ano é criado o Depósito de Concentrados Alemães de Angra na Fortaleza de S. João Batista que, desde então, recebe os concentrados das outras ilhas e, nesse mesmo mês, cerca de 80 detidos vindos do continente.
Até ao final da guerra chegarão ainda prisioneiros vindos da Madeira, Cabo Verde, Moçambique, Angola e India de forma que a população total de prisioneiros alemães ascenderá a cerca de 715 pessoas.
Numa altura em que a Primeira República enfrentava graves problemas económicos as verbas para a manutenção do depósito nem sempre chegavam atempadamente, mas o exército procurou garantir que a organização se pautasse pelos princípios das convenções de Genebra em vigor na altura. Os concentrados alemães chegaram a ter, sobretudo nos primeiros anos, melhores condições de vida que a população pobre da ilha.
O relacionamento com os locais foi pacifico assinalando-se que durante o período de internamente, dois oficiais alemães casaram com terceirenses, e oito ficaram, depois, na Terceira.
Só em outubro de 1919, quase um ano depois de a guerra terminar, os concentrados deixaram a ilha, embarcando no vapor alemão Lothar Bohlen que os conduziu à Alemanha.



Deportados na sequência do movimento revolucionário de 2 de fevereiro de 1927


Grupo de deportados participantes na revolta da Marinha Grande em 1934



Chegada a Angra do general Gomes da Costa

Os deportados do Estado Novo

Após o golpe de 28 de maio de 1926 que institui a Ditadura Militar, os Açores recebem largas dezenas de militares acusados de participarem em revoltas contra o regime, e de civis oposicionistas. O próprio general Gomes da Costa fez parte dessas remessas quando foi afastado da chefia do governo, a 9 de julho de 1926, permanecendo nos Açores até 1927.

Mas as grandes levas de deportados começaram após a revolta de 3 de fevereiro de 1927, de forma que o Governo Militar dos Açores decide organizar o seu acolhimento criando, em Angra, o Depósito de Revoltosos que, a partir de 1929, será designado por *Depósito de Deportados Políticos*. Além dos deportados que permaneciam em Angra o depósito também tinha à sua responsabilidade deportados deslocados na Horta, Cais do Pico, Velas, Flores e Sª Cruz da Graciosa.

A sua grande concentração (eram cerca de 200 na fortaleza de S. João Batista) contribuiu para a criação do cargo de Delegado Especial do Governo para os Açores (1927-1932) de que um dos objetivos era controlar os deportados e evitar tentativas de revolta. Apesar disso, os deportados gozavam de uma certa liberdade de movimentos e os que tinham menos posses viviam comunitariamente, em pequenas pensões improvisadas, como a "Casa dos Deportados", no Cais do Pico, ou a "República do Reviralho", em S. Jorge. Os mais abastados hospedavam-se em hotéis e pensões, tendo alguns chamado as famílias para junto deles.

Alguns deportados colaboravam, moderadamente, na imprensa por causa da censura que se havia instalado, outros procuravam influenciar a população local através de ações concretas, caso de Bento Gonçalves, na altura secretário-geral do Partido Comunista Português, que fundou uma escola primária nas Lajes do Pico, ou do Tenente António Carvalho Braga, responsável pela criação do Albergue Noturno, em Angra.

Em 1933 um novo depósito é constituído no Forte de S. João Batista desta vez para receber não só deportados políticos, mas também condenados por tribunais militares especiais. O *Depósito de Presos Politico Sociais* recebeu condenados considerados perigosos que cumpriam as penas na mais rigorosa reclusão, ficando célebres o *calejão* e a *poterna*, locais onde as faltas graves eram punidas.

Pelos relatos de alguns ex-prisioneiros, o depósito ainda existia em 1943.



Ano 1.º — Angra do Heroismo, 8 de Abril de 1931. Suplemento ao — N.º 76

a República

Publicação Bi-semanal — Propriedade da Empreza Editorial de «A REPUBLICA» — NUMERO AVULSO — 50 CENTAVOS

DIRECTOR: ARMANDO AVILA

Assinatura-mês 3$00 — Redacção, Administração e Typografia Rua de S. João n.ºs 86 e 88 — Editor — ARMANDO AVILA

VIVA A REPUBLICA

A revolução em marcha !

O povo portugues levanta-se heroicamente contra a ditadura, auxiliado pelo exercito republicano

Emfim! Emfim! O povo português, não podendo tolerar por mais tempo a vergonhosa ditadura militar, que representava uma afronta á nossa dignidade de homens livres e de nobres e gloriosas tradições da nacionalidade, correu a tiro e a punhar a quadrilha de bandidos que há mais de quatro anos e meio o trazia escravizado, restabelecendo assim a Republica e a Constituição.

O país está liberto, graças á dedicação e ao heroismo dêsse povo admiravel que se atira para a luta sem uma hesitação, que morre, mas não se rende, sacrificando tudo pelo bem da Patria e a toda a hora e sempre se conservando vigilante na defesa sagrada da Republica.

Tardava essa hora suprema de redempção e de gloria. Finalmente chegou. Tanta afronta, tanta vergonha, tanta iniquidade, não podiam recere com placencia ou tolerancia de nenhum homem de bem. Só os covardes, os vilezinhos e os traidores podiam contemporisar com a ditadura, ou pactuar com ela. Por isso se ecoaram os vadios, se ligaram as deportações em massa e se alistaram para o exilio muitos milhares de republicanos.

Assaltaram-se os cofres publicos, violaram-se os lares de todos os cidadãos honrados e elevaram-se na miseria mais negra os familias de milhares e milhares de trabalhadores. O exercito, criado e mantido para defesa das liberdades publicas e para prestigio e segurança da lei, transformou-se numa esquadra de esbirros e numa escola de tiranos. Esfarrapou-se a Honra, degradou-se a Justiça e aniquilou-se a Ordem. A disciplina e a razão, o direito e o verdade, a dignidade e o patriotismo, transformaram-se na violencia e no crime, na covardia mais miseravel e de mais ignobil de todas as forçados. Desceu-se ás ultimas degradações, chafurdou-se, durante quatro annos e meio, num lodaçeiro imenso de baixezas e de vergonhas.

Desde o general Carmona ao mais infimo dos seus serventuarios, que legião de escroques, que bando de quadrilheiros, que recua de miseraveis! Juntaram-se na mesma encruzilhada todos os larapios dos galões, todos os habitantes dos manicomios, todos clerigos de Roma. Saquearam, incendiaram, assassinaram impunemente uma nação, um povo, uma raça.

Até que um dia, esse povo despertou, como que numa ressurreição, e pegando em armas, se libertou, quasi num milhagre, dos salteadores da sua honra.

Gloria a um povo, que assim sabe cumprir com o seu dever! Gloria a Portugal, que encontrou de novo o seu caminho e tão heroicamente reatou as suas tradições! Gloria á Republica, que mais uma vez soube fugir ás garras adunca da reação clerical!

Viva a Patria!
Viva a Republica!
Viva a Liberdade!

Gloria a Portugal

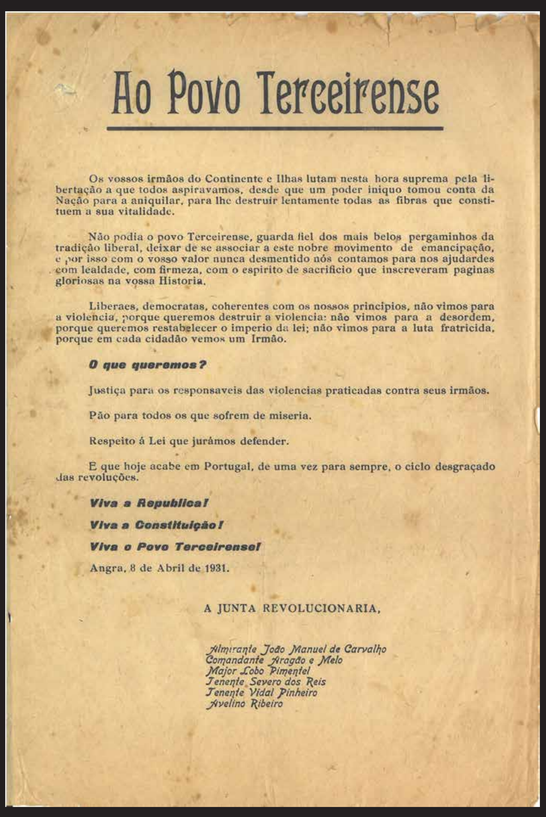
A Revolução em todo o paiz

O glorioso movimento republicano, que eclodiu em Lisboa e se estendeu rapidamente por todo o país, de norte a sul, foi calorosamente secundado pelos deportados politicos, pelo Povo e pelo Exercito republicanos, nos arquipelagos dos Açores e da Madeira, estando já nomeados em todas as ilhas os novos auctoridades civis e militares.

As auctoridades de Angra

A Junta Revolucionaria de Angra nomeou governador civil do distrito o sr. dr. Antonio dos Reis; commissario de policia o sr. tenente Artur Tavares; chefe do estado-maior do governo dos Açores o sr. major Lobo Pimentel e comandante do regimento o sr. major Luís Ribeiro.

O coronel sr. José Pedro Soares continua no comando do Governo Militar dos Açores.



Ao Povo Terceirense

Os vossos irmãos do Continente e Ilhas lutam nesta hora suprema pela libertação a que todos aspiravamos, desde que um poder iniquo tomou conta da Nação para a aniquilar, para lhe destruir lentamente todas as fibras que constituem a sua vitalidade.

Não podia o povo Terceirense, guarda fiel dos mais belos pergaminhos da tradição liberal, deixar de se associar a este nobre movimento de emancipação, e por isso com o vosso valor nunca desmentido nós contamos para nos ajudardes com lealdade, com firmeza, com o espirito de sacrificio que inscreveram paginas gloriosas na vossa Historia.

Liberaes, democratas, coherentes com os nossos principios, não vimos para a violencia, porque queremos destruir a violencia: não vimos para a desordem, porque queremos restabelecer o imperio da lei; não vimos para a luta fraticida, porque em cada cidadão vemos um Irmão.

O que queremos?

Justiça para os responsaveis das violencias praticadas contra seus irmãos.

Pão para todos os que sofrem de miseria.

Respeito á Lei que jurámos defender.

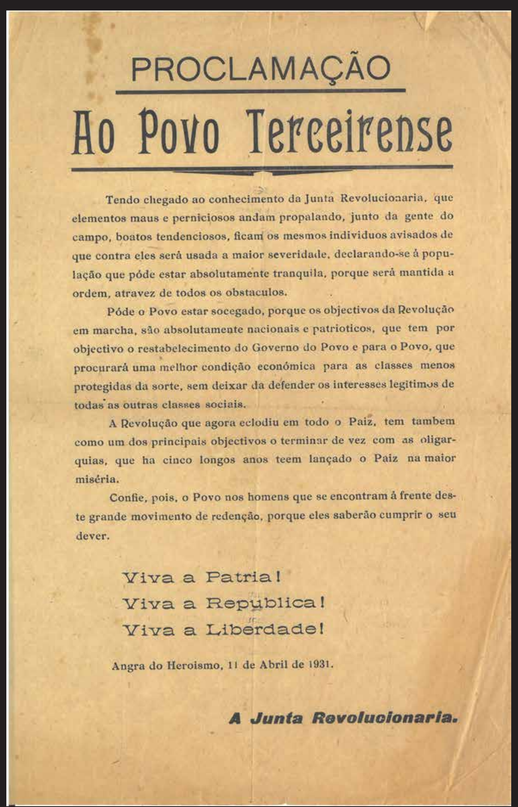
E que hoje acabe em Portugal, de uma vez para sempre, o ciclo desgraçado das revoluções.

Viva a Republica!
Viva a Constituição!
Viva o Povo Terceirense!

Angra, 8 de Abril de 1931.

A JUNTA REVOLUCIONARIA,

Almirante João Manuel de Carvalho
Comandante Aragão e Melo
Major Lobo Pimentel
Tenente Severo dos Reis
Tenente Vidal Pinheiro
Avelino Ribeiro



PROCLAMAÇÃO

Ao Povo Terceirense

Tendo chegado ao conhecimento da Junta Revolucionaria, que elementos maus e perniciosos andam propalando, junto da gente do campo, boatos tendenciosos, ficam os mesmos individuos avisados de que contra eles será usada a maior severidade, declarando-se á população que póde estar absolutamente tranquila, porque será mantida a ordem, atravez de todos os obstaculos.

Póde o Povo estar socegado, porque os objectivos da Revolução em marcha, são absolutamente nacionais e patrioticos, que tem por objectivo o restabelecimento do Governo do Povo e para o Povo, que procurará uma melhor condição económica para as classes menos protegidas da sorte, sem deixar da defender os interesses legitimos de todas as outras classes sociais.

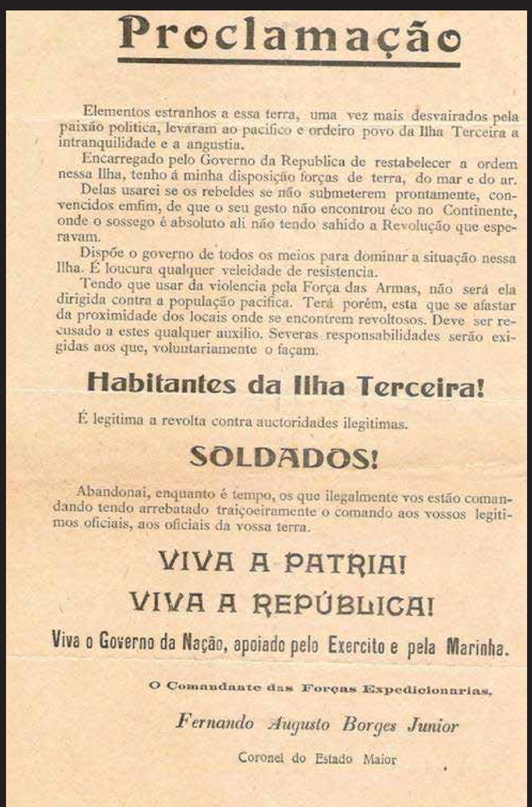
A Revolução que agora eclodiu em todo o Paiz, tem tambem como um dos principais objectivos o terminar de vez com as oligarquias, que ha cinco longos anos teem lançado o Paiz na maior miséria.

Confie, pois, o Povo nos homens que se encontram á frente deste grande movimento de redenção, porque eles saberão cumprir o seu dever.

Viva a Patria!
Viva a República!
Viva a Liberdade!

Angra do Heroismo, 11 de Abril de 1931.

A Junta Revolucionaria.



Proclamação

Elementos estranhos a essa terra, uma vez mais desvairados pela paixão politica, levaram ao pacifico e ordeiro povo da Ilha Terceira a intranquilidade e a angustia.

Encarregado pelo Governo da Republica de restabelecer a ordem nessa Ilha, tenho á minha disposição forças de terra, do mar e do ar.

Delas usarei se os rebeldes se não submeterem prontamente, convencidos emfim, de que o seu gesto não encontrou éco no Continente, onde o sossego é absoluto ali não tendo sahido a Revolução que esperavam.

Dispõe o governo de todos os meios para dominar a situação nessa Ilha. É loucura qualquer veleidade de resistencia.

Tendo que usar da violencia pela Força das Armas, não será ela dirigida contra a população pacifica. Terá porém, esta que se afastar da proximidade dos locais onde se encontrem revoltosos. Deve ser recusado a estes qualquer auxilio. Severas responsabilidades serão exigidas aos que, voluntariamente o façam.

Habitantes da Ilha Terceira!

É legitima a revolta contra auctoridades ilegitimas.

SOLDADOS!

Abandonai, enquanto é tempo, os que ilegalmente vos estão comandando tendo arrebatado traiçoeiramente o comando aos vossos legitimos oficiais, aos oficiais da vossa terra.

VIVA A PATRIA!
VIVA A REPÚBLICA!

Viva o Governo da Nação, apoiado pelo Exercito e pela Marinha.

O Comandante das Forças Expedicionarias,

Fernando Augusto Borges Junior

Coronel do Estado Maior

Proclamação das Forças Expedicionárias comandadas pelo Coronel Fernando Borges que retoma o poder em nome do governo

A Ditadura

Sabes a vida que levo
Desde o dia em que te vi:
Ou preso ou então na rua,
A conspirar contra ti.

Mais uma que se perdeu
Não vale a pena chorar.
Tantas vezes hei-de bater-me
Que acabarei por ganhar.

Quadras escritas por um deportado num dos quartos do forte de S. João Batista, em abril de 1931



Chegada do Coronel Fernando Borges

A revolta de 1931

Na sequência da eclosão de uma revolta contra a ditadura na Madeira, a 4 de abril de 1931, os deportados nos Açores aderiram ao movimento e durante dez dias tomaram conta das ilhas de S. Miguel e Terceira.
São, então, criadas duas Juntas Revolucionárias, uma em Ponta Delgada e outra em Angra do Heroísmo que substituirão as autoridades vigentes, publicam legislação vária e tomam medidas de alcance territorial reduzido.
Com a chegada das forças fiéis ao governo acabaram por se render, embora alguns tivessem fugido para a Madeira que continuava controlada pelos deportados. Terminada a revolta, o regime de deportação para os Açores deixou de funcionar e, na generalidade, foi sendo substituído pelo de prisão. A partir de então, para detenção dos opositores ao regime passaram a utilizar-se estabelecimentos já existentes ou criando outros, como o Depósito de Presos, no Forte de S. João Batista de Angra do Heroísmo, ou o Tarrafal, em Cabo Verde.
A nível regional verificaram-se algumas alterações na organização militar como forma de castigar a Terceira e S. Miguel, mas a medida mais violenta foi o saneamento de militares. Muitos sargentos e tenentes nunca mais foram reintegrados, o que causou graves problemas sociais. No sector civil, alguns funcionários públicos e professores sofreram suspensões temporárias, tendo algumas delas durado cerca de vinte anos.



Proclamação da Junta Revolucionária à porta do Governo Civil de Angra do Heroismo a 8 de abril de 1931



Elementos da Junta Revolucionária e, ao centro, o novo Governador Civil, António Reis



A PATRIA

SUPLEMENTO AO N. 140

Viva a República!

A HISTORIA REPETE-SE!

EDITAL



O caso do Dr. Friedmann

Arquivando



A PATRIA

Como os Açores

Pela Continente

RECEBERAM A

Revolução



A PATRIA

Sem comentarios!



DECLARAÇÕES IMPORTANTES

que o povo deve saber



A PATRIA

Viva a Republica!

Viva a Patria! Viva a Liberdade!

Uma proposta



A PATRIA

Aos Marinheiros de Portugal



TELEGRAMAS

O Distrito da Horta em movimento!

Fóra! e Pico



A PATRIA

A Marinha de Guerra

Aos soldados da Terceira



Habitantes da Ilha Terceira

Os últimos acontecimentos

A memória dos locais

A longa tradição de os Açores serem local de prisão e deportação de indesejáveis e opositores políticos só em meados do século XX tem o seu terminus, quando Angra e a fortaleza de S. João Batista se convertem em placa giratória de prisioneiros destinados a outros locais de confinamento da liberdade.
Instrumento de povoamento, mas também de controle de minorias, da deportação e de tantos que por aqui passaram com esse estatuto ficaram vestígios e memórias na historiografia e, mais indelevelmente, no imaginário popular.
É sobre eles e sobre as razões pelas quais passaram pela Terceira que importa lembrar e refletir, porque é o desconhecimento do passado que nos condena a repeti-lo.

Ficha técnica

Organização
Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

Pesquisa, museografia e textos
Maria Manuel Velasquez Ribeiro

Design gráfico
Rúben Quadros Ramos (CMAH)

Cedência de peças
António Couto
Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro
Carlos Brasil
Jorge Nunes
José Dores
Renato Oliveira
Sé Catedral dos Açores

Produção gráfica
Laser2001

Agradecimentos
Coordenação dos Palácios da Presidência - Palácio dos Capitães Generais
Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro
Museu de Angra do Heroísmo
Núcleo Filatélico de Angra do Heroísmo
Sé Catedral dos Açores (Padre Doutor Hélder Fonseca Mendes)